

UM
CATAPULTA



BEL

Diz-se na família que, quando o meu pai descobriu que eu seria rapariga, quis dar-me o nome de Joy¹. A minha mãe insistiu em Isabel, tendo já estabelecido uma predileção por nomes de santos, mas graças à minha incapacidade para pronunciar a letra S, o nome ficou abreviado para Bella. Depois, e porque eu detestava e me recusava a reagir a tal diminutivo, ficou Bel, que, em última análise, é a prova de que o meio-termo deixa ambas as partes insatisfeitas.

Para mérito do meu pai, não sou uma rapariga triste. Como acontece com a maioria das pessoas, há coisas na vida de que gosto — queijo, ter razão, a maravilhosa raridade de responder à letra no momento certo — e coisas de que não gosto. O que está no topo da segunda lista? Desportos de equipa, perguntarem-me o que estou a fazer com a minha vida, e a sensação vaga mas angustiante de que algo crucial pode ter-me escapado.

— Bolas, esqueci-me de que era o dia da catapulta — diz a Jamie, examinando o seu reino do nosso ponto elevado do pátio. — O primeiro projeto do ano: tão lindos! Os bebezinhos de física a chiar como passarinhos assustados... adoro! — exclama num solilóquio, unhas em azul-pálido a bater na lata da sua água gaseificada com aroma de distopia. — Já agora, onde está a tua?

Hummm. Merda.

¹ Alegria. (*N. da T.*)

Sim, eu *sei* que talvez (definitivamente) o projeto catapulta vinha no programa de estudos, mas, em minha defesa, havia um enorme trabalho escrito de inglês para entregar na semana passada, e hoje à tarde vou fazer teste de estatística e um trabalho de grupo de educação cívica. Além disso, não tenho culpa de que a minha noção de tempo seja tão imperfeita. Não há milhentos artigos académicos diferentes sobre o impacto do stresse académico em adolescentes, ou algo do género? De certeza que encontraria pelo menos uma dúzia, se me esforçasse a sério na investigação. (Não o farei, mas é uma ideia válida, certo?)

— Isabel Maier — provoca a Jamie, que, infelizmente, ainda está aqui e não num sonho perturbador que eu esteja a ter. — O teu silêncio é demasiado suspeito.

— Eh — digo, astutamente.

Atenção: não tenho a catapulta. Em primeiro lugar, porque não existe e, em segundo, porque nos últimos trinta segundos não aconteceram milagres. A única coisa que me ocorre neste momento é um monte de obscenidades nada úteis que levariam a minha mãe a fazer o sinal da cruz e a perguntar onde falhou na minha educação. (Dica importante: é uma pergunta retórica.)

— Sim? — diz a Jamie, acenando com a mão frente à minha cara. — Bel?

— Estou a pensar — respondo-lhe, dando uma olhadela ao ecrã do telemóvel.

Grrr. A aula começa dentro de quinze minutos.

— Excelente — observa a Jamie, hesitante. — Um começo promissor.

Tal como as raparigas a quem se diz que falam como pessoas crescidas desde os seis anos, Jamie Howard quer ser advogada. Os seus objetivos de carreira incluem usar saia e casaco de executiva em Manhattan enquanto grita ordens aos seus associados num escritório de canto atulhado de plantas. É o tipo de rapariga que caminha pelo *campus* com determinação, derrubando praticamente todas as pessoas que encontra, e que se ri *demasiado* alto de qualquer coisa que considere engraçada. Por sorte, tenho sido uma dessas coisas desde que ela foi recrutada para me guiar durante a orientação de estudantes transferidos, há seis semanas.

— Por acaso, tens, tipo... — Hum. — Fita-cola? — pergunto, otimista.

— O quê? — indaga a Jamie.

— Fita-cola — repito. — Tu. Tens. Fita-cola?

— Bel, eu ouço bem — informa-me —, e sei que não me pediste opinião sobre este assunto, mas não me parece que qualquer quantidade de fita-cola te ajude a construir a catapulta que, obviamente, te esqueceste de fazer.

— Alegadamente — corrijo-a. — Que alegadamente me esqueci de fazer, e isso quer dizer um não?

— Claro que é um não. Quem anda por aí com fita-cola?

— Sei lá, algumas pessoas — respondo, tateando à procura da alça da mochila que uma versão minha mais despreocupada atirou para baixo da mesa. — Não costumas andar com um mini-grafador?

— Sim, evidentemente — diz a Jamie, torcendo o nariz —, mas uma vez que não trabalho nos correios nem frequento o jardim de infância, a fita-cola não me serve para nada.

— Não estás, de facto, a ajudar — argumento.

— Não estou, de facto, a tentar ajudar — replica a Jamie com uma falta de vergonha impressionante. — Tens noção de que este projeto é, tipo, *metade* da tua nota do semestre, certo? Se tiveres zero, isso reflete-se negativamente na minha pessoa.

— Bem, não estás mesmo a ajudar — insisto. — E considerando este momento de crise, podias tentar ser um pouco mais otimista.

— Tens razão, desculpa: se tiveres zero, isso reflete-se negativamente na minha pessoa! — exclama a Jamie de forma monótona.

Extraordinário.

Vale o que vale, mas, a princípio, até eu assumi que o interesse da Jamie em mim se devia ao facto de ela levar muito a sério *todas* as atividades extracurriculares — talvez, a um grau insano. Não se percebe porque escolheria uma pessoa que ambiciona ser a oradora de final de ano andar com alguém que nem sequer tem uma agenda de atividades diárias, além de cortesia profissional. Porém, dado que a Jamie ainda «quer saber como estou» todos os dias, sem exceção, julgo que fizemos um desvio inesperado para uma amizade genuína algures entre o

momento em que nos começámos a seguir mutuamente no Instagram, durante a orientação, e aquele em que fizemos biscoitos com a avó dela, no fim de semana passado.

— Está bem, então, não que isto mude alguma coisa — digo, voltando à única opção que sou capaz de extrair do cérebro —, mas, para que conste, eu não quero a fita-cola. Quero a peça de dentro.

A Jamie olha-me sem expressão.

— Sabes, aquela coisa de plástico em que a fita-cola está enrolada? — arrisco.

Nada. *Niente*.

— Muito bem — suspiro —, tenho quinze minutos para tratar disto e tempo nenhum para to explicar. Podes ser apenas prestável, por favor?

— Provavelmente, não — responde. — Talvez possas tentar a secretaria?

Ah, boa, ótimo, adoraria começar a tarde a pedir fita-cola a um dos ilustres membros da administração da Academia de Arte, Ciência e Tecnologia de Essex, mal tendo sobrevivido a um interrogatório esta manhã em que me perguntavam se eu já agendara alguma espécie de avaliação de carreira com a minha orientadora. Senti um indício de desconfiança da parte da administração que não me pareceu justa. Das respostas, poucas eram mentira; portanto, isto podia correr-me muito pior.

Porém, tendo em conta que as minhas opções são ou isto ou o inevitável sermão da minha mãe...

— Hum — digo, dando meia-volta para seguir naquela direção.

— Boa sorte! — grita-me a Jamie.

Pois, está bem. Porque a sorte é o que falta na equação.

Na minha antiga escola, que era claramente uma farsa, não havia este burburinho acerca de as pessoas terem ou não realizado as provas de admissão à universidade ou escolhido uma área de estudo, e nem sequer vou falar da candidatura. Branford tinha quatro disciplinas de nível avançado e ou éramos suficientemente inteligentes e frequentávamo-las (como o meu irmão mais novo, Gabe), ou não queríamos saber da escola e por isso vadiávamos o dia todo até ao treino de basebol (como o meu irmão mais velho, Luke).

Esta escola, por outro lado, é como um estranho laboratório para futuros diretores executivos de *startups*. É privada, por insistência da minha mãe, e apesar de se situar a menos de quinze quilómetros do local onde eu costumava passar todo o meu tempo, Sherman Oaks não é, mesmo, Van Nuys. No que toca aos adoráveis confins de Los Angeles a que chamamos Valley, é possível sentir o escalão de rendimento a mudar ao longo da Autoestrada 405.

Portanto, não, não estou particularmente animada com a visita à nave-mãe da Academia de Essex. Por sorte, o meu telemóvel toca entretanto.

Jamie: a Lora acabou de chegar aqui

Jamie: ela diz para tentares a biblioteca...

Assim, é melhor, considerando que é o edifício mais próximo do local onde me encontro. Viva a Lora! Desvio-me da atual trajetória e entro. As estrelas sorriem-me apesar da minha linguagem vulgar e da provável blasfêmia. A bibliotecária principal está a ajudar uma pessoa a compreender os pormenores mais subtis da classificação decimal de Dewey. Por isso, agarro num rolo de fita-cola do balcão e faço os possíveis por não chamar a atenção sobre mim ao abandonar a cena do crime.

Detenho-me na extremidade do pátio, a recalcular. Muito bem, dez minutos, que tenho eu? Uma caneta, ótimo. É, na verdade, mais milagroso do que parece. Um elástico. Uma garrafa de água.

Hum, é uma ideia.

— Já acabaste? — pergunto a um miúdo que passa ali perto. Ele olha-me aterrorizado. Portanto, acho que é do nono ano.

— Isto? — replica, levantando a garrafa de água mineral que termina de beber.

Posso só estar aqui há três semanas, mas sou do décimo segundo ano, por isso, assinto com um ar sombrio de aluna veterana.

— Os plásticos de utilização única são, tipo, de uma irresponsabilidade extrema — digo-lhe, porque fazem com que as pessoas se sintam culpadas. — Estou só, sabes como é. A reciclar.

A menos que seja uma espécie de acumulador de garrafas de água vazias, ele não deve ter problemas em dar-ma. Lentamente, estende-ma, ainda com a expressão de quem receia que eu morda.

— Obrigada — digo. Depois, precipito-me para o caixote da reciclagem ao fundo do pátio. Com sorte, o caloiro não vê quando saco mais duas garrafas (que horror, eu sei, mas a minha mãe é enfermeira nas urgências e enche-me de álcool-gel — tudo bem) e lhes tiro as tampas.

Recuo com as quatro tampas na mão, esbarrando em alguém ao virar-me.

— Cuidado — avisa a voz pertencente ao corpo com o qual colidi.

O seu nome é Teo Luna, o qual eu desejaria não saber, mas infelizmente, aqui, toda a gente está apaixonada por ele. Uma espécie de amor do mundo da fantasia, como candidatar-me a Stanford, já que é o filho incrivelmente rico de um qualquer deus da tecnologia. Nesta escola repleta de mutantes não existe a habitual figura do rei do baile de finalistas, como o meu irmão Luke, que bebe demasiados batidos de proteína e tem um daqueles sorrisos gigantescos e espalhafatosos para complementar os peitorais. Em vez disso, a versão de galã frequenta todas as disciplinas de nível avançado e parece ser vegano, talvez «por causa do ambiente», ou qualquer coisa assim.

O Teo Luna é o capitão de umas oitocentas coisas relacionadas com ciência que geralmente ganha cenas, e tem aquele cabelo encaracolado à Namorado da Internet, para fazer pandã com o seu bronzeado permanente. Portanto, acho que isso deve ser atraente, de um modo meio *hipster*. Na minha opinião, podia esforçar-se por reduzir ligeiramente a arrogância.

— Perdoe-me a intromissão, senhor — digo, imitando por instantes o Oliver Twist depois de lhe dar um encontrão no peito. Ele franze o sobrolho, ajeitando a camisola da equipa de futebol de Essex que enverga em vez da habitual camisa abotoada até cima, qual senador, e em resposta, curvo-me numa vénia.

— Está beeeem — responde, prolongando deliberadamente a palavra e virando as costas enquanto revira os olhos.

Parvo. Adeus.

Sete minutos. Oito? Pronto, devem ser só uns cinco. O rolo está quase sem fita-cola, por isso, puxo a que resta, apresento as minhas desculpas silenciosas à iniciativa de reciclagem da Academia de Essex pelo meu abominável desperdício, e envolvo o rolo vazio com o elástico, partindo um pedaço do plástico para o segurar firme. Um bocadinho de batota com a tampa de plástico da caneta e algumas tampas de garrafa depois, tenho algo que se assemelha vagamente a um pato com patas circulares. A base mantém-na na vertical, e o elástico funciona como fisga. É uma versão em miniatura de uma catapulta, mas não havia requisitos de tamanho. Só tem de funcionar.

Tenho tempo para a testar?

Está a tocar para a entrada, portanto, a resposta é não. Vamos ter de chamar a isto Ave Maria.

(Vendo pelo lado positivo, uma Ave Maria de qualquer tipo é capaz de agradar à minha mãe.)

Jamie: então?? estás completamente lixada??

Bel: ainda não, *mon amie*

Bel: ainda não



TEO

Parece que é outra vez o dia da catapulta. No ano passado, não foi o meu projeto de física preferido, mas sem dúvida melhor do que qualquer outra coisa que tive de fazer para outras disciplinas. Prefiro construir uma coisa do zero do que fazer uma análise literária reconstrutiva, e física avançada foi por isso a primeira disciplina que escolhi quando me matriculei no décimo segundo ano.

Além de que não *precisei* de usar as duas semanas que nos deram para a catapulta, mas as expetativas em relação a mim nesta escola são elevadas. Todos os pormenores importam, pelo que me certifiquei de que merecia cada valor daquele 20. Estas novas catapultas... Bem. Não querendo ser idiota, mas estão horríveis. Julgo que acabei de ver

alguém do décimo primeiro ano com uma catapulta constituída por oitenta por cento de rolos de papel de cozinha e vinte por cento de inadequação.

Que desilusão. Se *tenho* mesmo de recrutar um novo membro para a equipa esta semana, gostaria que fosse alguém capaz de conceber um *design* interessante. Mas por este andar...

O meu telemóvel toca no bolso, interrompendo-me os pensamentos.

Dash: estás a ver isto?

Ele está sentado a quatro lugares de mim, como de costume, mas, claro, tudo bem, vamos trocar mensagens. Dou uma olhadela em redor para ver do que fala, mas não faço ideia.

Teo: a ver o quê?

— Luna — diz o Mac, o professor de física avançada, e, no interior, resmungo. Tecnicamente, ele é o professor MacIntosh, no caso de um vice-reitor decidir, por qualquer motivo, deambular pelo pátio de ciências, mas penso que ele acha graça ao facto de nos referirmos à sua pessoa como ao computador da Apple. Não tem tanta graça quanto julga, mas após três anos a trabalhar com ele em robótica, sou basicamente imune a tudo o que o Mac considere hilariante. É do tipo oitenta e sete por cento de trocadilhos.

— Tenho de lhe lembrar de que não são permitidos telemóveis? — questiona ele, arqueando uma sobrancelha. — Guarde isso.

Viro-me para lançar um olhar furioso ao Dash, que encolhe os ombros. *Respeita as pessoas*, responde em silêncio, movendo os lábios com altivez.

Às vezes, odeio-o, juro.

— Muito bem, ficamo-nos pela cinética — diz o Mac, projetando o ecrã do seu *iPad* no quadro com o exercício de aquecimento de hoje. O Mac adora desenhar uma personagem de banda desenhada a que chama Chad, que faz toda a espécie de coisas horríveis aos amigos: deixa cair bigornas do topo de edifícios em cima da sua cabeça, por exemplo.

Basta pensar um bocadinho, mas parece-me óbvio que o Chad tem questões por resolver. Talvez ligadas à infância.

Hoje, o Chad está a atirar uma bola a uma pessoa: velocidade, distância, aceleração, tempo. Há uma razão para que isto seja um aquecimento. Pego em papel e caneta e escrevinho as equações com aproximadamente o mesmo grau de atenção com que aperto os sapatos.

— Teo — sopra o Dash, atirando-me uma bola de papel à cabeça.
— Ei, Teo.

Ignoro-o. O verdadeiro nome do Dash é Dariush, mas, no primeiro ano, nenhum de nós tinha paciência para aquele nome. Daí o diminutivo. Gosto do facto de significar que ele é uma coisa relativamente inacabada: *Dash*². Precipitamo-nos para a fila na cantina. Pomos um travessão entre as palavras. No entanto, ocupa espaço, irritando-nos na aula e aniquilando aos poucos a nossa vontade de viver.

— Ma-te-o — diz o Dash, com as mãos em concha à volta da boca.
— Teo. Ei.

— Dash, eh, pá, *para com isso...*

— Acabou, Luna? — pergunta o Mac, e eu levanto o olhar. — Ótimo! Faça o esquema no quadro — diz ele, indicando-o com o queixo por cima do ombro. Olha-me com ar conspirativo, como se eu e ele estivéssemos sujeitos ao meu castigo. Gostava de lhe poder dizer que ser o melhor amigo do Dash é já castigo suficiente.

Ao pôr-me de pé, o Dash aponta para alguém. Jamie Howard? Ela está a franzir o sobrolho para a sua página, parecendo perdida. Ela é... bem, ela é superinteligente, admito, mas é mais do tipo de ganhar um concurso de trabalhos escritos, ou de falar sobre Shakespeare, ou algo assim. Ela não gosta de matemática nem de ciências, considera-as, e passo a citar, «banais». Penso que está aqui apenas para consolidar a média a fim de entrar em Stanford. Ao seu lado encontra-se a Lora Murphy, que tem robótica comigo e com o Dash (e com a maioria dos alunos da turma, exceto a Jamie, que está demasiado ocupada com a simulação de julgamento ou com o modelo das Nações Unidas, ou sei lá que coisa artístico-liberal está ela a fazer), e em frente da Lora está...

Ah. O Dash aponta para a Neelam.

² Precipitar(-se); travessão. (*N. da T.*)

Muito bem, pois então. Para que conste, eu não tenho problemas com a Neelam Dasari. Se sou, de uma forma geral, melhor do que ela em sistemas de circuitos? Sim. Se isso tem alguma coisa que ver com qualquer conluio patriarcal sinistro entre mim e o Mac? Não. Não que isso impeça a Neelam de me lançar olhares de desprezo sempre que eu e o Mac conversamos acerca dos jogos de vídeo que jogámos no fim de semana, como se o facto de o Mac apoiar a decisão da equipa em eleger-me piloto dos robôs deste ano fosse, de algum modo, uma reviravolta na trama. Ela parece julgar que isso me torna numa espécie de gajo nepotista da programação, quando, na realidade, se trata de competência profissional.

A questão é que, de alguma maneira, a Neelam obteve o esboço do novo robô de sete quilos que concebi durante o verão e está a desmantelá-lo à vista de toda a gente — provando, já agora, que não sou o único a quem falta dedicação no nosso aquecimento, coisa em que, aparentemente, o Mac não reparou. Quem beneficia agora de favoritismo, hã, Neelam? Não é que aquele esboço seja o *design* final, mas gostaria que ela não fosse tão idiota em relação a isto. São estas pequenas coisas.

Começo a copiar a equação para o quadro quando vejo, através da janela da sala de aula, alguém entrar no pátio. É a professora Voss, de biologia (este ano tem uma turma de física devido ao excesso de estudantes, ou algo do género), a conversar com a rapariga nova, em quem esbarrei junto dos caixotes da reciclagem. Ainda não sei o nome dela — não temos nenhuma disciplina em comum —, mas é a pessoa mais estranha que alguma vez conheci. Julgo que nem faz de propósito: acho sinceramente que ela é *mesmo* assim. Hoje, usa uma saia *hippie* muito comprida e um colar feito de minicolheres.

— Pronto — digo, afastando-me do quadro. — Acabei.

— Muito bem, Luna — diz o Mac. — Parece-me certo.

Claro que parece.

— Obrigado.

A Neelam lança-me outro olhar quando volto a passar pela carteira dela. Desta vez, põe o braço dobrado por cima da página, como se eu não soubesse o que está a fazer. Por mim, pode propor as alterações

que quiser. O Dash vai ficar do meu lado, e também o Emmet e o Kai. O Ravi faz o que se lhe pede e o Justin é, basicamente, inútil a ambos. Portanto, a sério, não tenho de me preocupar muito com o que a Neelam pensa. Não esconde que me odeia, e eu, da mesma maneira, já desisti de tentar ser simpático com ela. Também não é nenhuma coitadinha, para ali abandonada, nem nada disso. Tem muitos amigos — simplesmente, eu não sou um deles.

Sento-me e dou uma espreitadela pela janela enquanto o Mac começa a explicar os melhores aspetos do meu trabalho. Só estamos na terceira semana de aulas, portanto, não haverá nada de interessante na matéria durante pelo menos um mês. Estou, sobretudo, preocupado com as provas para o clube de robótica, que decorrerão na sexta-feira. Acho que não precisamos de mais ninguém, mas o Mac não nos deixa começar a trabalhar no laboratório até fazermos as provas. (Qualquer coisa que ver com oportunidade e possibilidades justas, e blá-blá-blá.)

A menos que algum estudante do nono ano tenha crescido numa plataforma petrolífera ou num navio da Marinha, acrescentar alguém à equipa significa a dor de cabeça de eu ter de dar mais um curso de introdução à soldadura. Ser capitão tanto da equipa de robótica quanto da de futebol exige muito trabalho, já para não falar nas seis disciplinas avançadas que frequento e na preparação da minha candidatura antecipada ao MIT. Além disso, as pessoas esperam que eu seja sociável. Cabe-me gerir a pressão de acrescentar alguém à equipa, por isso, escusado será dizer que temo este momento desde o início das aulas.

A professora Voss parece levar a rapariga nova lá para fora a fim de conversarem, o que me distrai por instantes. Não que me importe, mas a professora Voss é muito exigente, pelo menos, segundo me lembro dos meus tempos de biologia no nono ano. Reparo que a Jamie Howard também olha pela janela e, após um ou dois segundos, tira disfarçadamente o telemóvel do bolso. Acho que é amiga da rapariga nova, é a companheira de transferência dela, ou lá como se chama. Não sei ao certo quais as atividades extracurriculares da Jamie, que são basicamente todas. Talvez esteja a enviar uma mensagem para saber o que se passa.

A minha mente vagueia de novo, desta vez voltando à Rapariga Nova. Quem muda de escola no décimo segundo ano? Que treta. Sinto que conheço toda a gente aqui desde que usava fraldas — e *toda a gente* me conhece —, portanto, naturalmente que desejo entrar numa universidade do outro lado do país e conhecer pessoas, para variar. Mas ela não tem amigos? Uma vida? Costumo brincar e dizer que odeio o Dash em pelo menos cinquenta e três por cento do tempo que passamos juntos, mas, ainda assim, é melhor isso do que ter de encontrar um novo Dash.

— ...ocidade da bola, Luna?

Apercebo-me de que o Mac está à espera de que eu diga alguma coisa.

— Hã?! — pergunto, despertando da distração.

— Que fatores usou — repete o Mac — ao calcular a velocidade da bola?

Ah.

— Rapidez média, distância, tempo. — Canja.

— Obrigado pela gentileza de nos agradecer com a sua acuidade mental, Luna — diz o Mac secamente. — Mais alguém quer pronunciar-se a respeito do Chad?

Acho que ela *não* é desinteressante.

(A Rapariga Nova, quero dizer. A professora Voss tem, tipo, quarenta anos, por isso, obviamente que não estou a pensar nela.)

— Muito bem, vamos dividir a turma em grupos de quatro — anuncia o Mac, batendo as palmas. — Vamos lá, força nisso.

Fácil. O nosso grupo será o Dash, o Emmet, o Kai e eu. Do outro lado da sala, a Jamie não tem alternativa a não ser deixar o Justin ficar no grupo dela com a Lora e a Neelam... Credo. Aposto que, neste momento, elas bem queriam ter mais uma rapariga na turma.

— Viste aquilo? — pergunta o Dash, dando-me uma cotovelada enquanto puxo um banco de baixo da mesa de laboratório.

— Ui... *vi*, Dariush...

— Não é que as ideias não sejam válidas — diz o Emmet, cuja mãe quer que ele namore ou com uma bonita rapariga chinesa ou com a Neelam. Depende de quem se tornar médica em primeiro lugar,

segundo a sua mãe, e nenhum de nós consegue explicar-lhe que nada do que fazemos tem a mínima relação com medicina.

— Mas ouviste mesmo essas ideias supostamente «válidas»? — pergunta, sarcástico, o Kai ao Emmet, deixando cair os livros em cima da mesa. Eles têm pais loucos, cuja obsessão com as notas só consegue ser igualada pela obsessão com a pessoa com quem irão casar-se um dia.

— Não — resmunga o Emmet na defensiva. — Estou só a dizer que *podem* ser...

— Pronto, ótimo, mas isto não é uma questão de opinião. Eu e o Teo concebemo-lo daquela maneira *de propósito*...

— Toca a trabalhar, rapazes — diz o Mac, surgindo de novo para nos mandar calar. — Concentração. Percebido?

— Claro — concordo.

Lá fora, a professora Voss e a Rapariga Nova desaparecem a tempo de eu lançar um olhar rápido ao trabalho prático que o Mac põe à minha frente.

Mais velocidade! Que alegria.

Apenas mais um dia de aulas, como sempre.

* * *

DOIS

SARILHOS



BEL

— Ora bem — diz a professora Voss. — A sua catapulta.

— Hum... sim? — respondo, optando por me mostrar ingénua. Aprendi que é sempre melhor não tentar adivinhar o que está prestes a correr mal. É como aquelas situações em que não devemos dizer a um polícia que nos manda parar a que velocidade íamos, por via das dúvidas. Ou algo do género. (Eu não sei, foi a Jamie que me disse isto.)

— Muito bem, Isabel, ouça — suspira a professora Voss, o que nunca é bom sinal. Nada como uma boa dose de intimidade fabricada: *Escutem, somos todos amigos aqui!*, para que algo pareça ser inevitavelmente terrível, e só a minha mãe me trata pelo meu primeiro nome completo. — Penso que ambas sabemos que não houve tanto esforço neste projeto quanto poderia haver.

— Ah, hum. Bem...

Faço uma pausa e depois, em vez de terminar a frase, simplesmente... paro. De facto, parece-me ser a atitude lógica.

Seja por que razão for, a professora Voss olha-me de forma esquisita e distorcida.

— Que disciplinas da área das ciências fez na escola anterior? — pergunta-me.

Pergunta estranha, mas tudo bem.

— Biologia? E química?

— Está a perguntar-me ou a dizer-me?

Raios!

— Desculpe, a dizer-lhe. Biologia e química.

— E que tal se saiu nessas disciplinas?

— Ah, hum. Tive dezoito a ambas.

— Mas não frequentou nenhuma disciplina de nível avançado?

— Eu... não gosto muito de ciências.

— E de matemática?

Franzo o sobrolho.

— Se tive matemática, é isso?

Ela esboça outro meio sorriso.

— Sim. Que disciplinas da área da matemática teve?

— Hum, álgebra e introdução ao cálculo. Agora, tenho cálculo.

— Que tal se saiu nessas disciplinas?

— Tive dezasseis a álgebra... Acho. — O décimo ano foi estranho: tive um namorado que era um falhado e que fez com que eu ficasse de castigo pelo menos quatro vezes antes de acabar tudo com ele. — Mas tirei dezoito a introdução ao cálculo.

— Agora, tem cálculo avançado?

— Hum... não, só o normal — respondo. (Isto é estranho, certo?)

— Então, também não gosta de matemática? — pergunta-me, e julgo que ela... está a gozar, talvez?

— Acho que não — digo, nada convincente.

— Ah — exclama a professora Voss antes de, finalmente, prosseguir.

— Ora, diga-me, Isabel, já pensou no curso que quer seguir?

Oh, não, esta pergunta, não. Podemos voltar a falar sobre as minhas notas? Na escola anterior, eu era considerada uma das melhores alunas — ou seja, uma daquelas cujos pais não tinham de estar sempre a ser chamados —, o que me concedia o privilégio de passar ditosamente despercebida.

— Bem, penso seguir... — O que a fará deixar-me em paz? — Arquitetura? Exato, sim, arquitetura — digo brandamente. — Gosto de, enfim, artes e coisas assim.

— Artes e coisas assim? — repete ela.

— Bem, hum... — Lembrem-me de registar isto no meu diário de sonhos, na secção de pesadelos. Mas o que é suposto dizer? Ninguém que eu conheça tem «passatempos», nem «interesses», nem faz mais

nada além de «passar tempo», o que geralmente implica comer batatas fritas gratuitas em restaurantes ou estar sentado num parque de estacionamento e falar da razão pela qual fazer coisas é uma estupidez. De certeza que a Jamie tem um discurso ensaiado com todos os motivos filantrópicos pelos quais quer entrar em direito, mas eu também não *adoooooooo* passar tempo com os idosos nem nenhuma outra forma de serviço comunitário que é suposto estarmos mortinhos por fazer no tempo livre. Basicamente, ou estão a gritar comigo por deixar tudo numa desarrumação se não volto a pôr os lápis na caixa, ou sou mandada embora quando tento pedir ferramentas emprestadas ao meu irmão. (A minha mãe acha que tenho um problema porque não fico quieta — na verdade, faço tudo o que posso para não estorvar.)

— Gosto de construir coisas — saco do nada, já que a professora Voss está, claramente, à espera de resposta. — Por curiosidade. Construí a minha secretária a partir de uma máquina de costura antiga que encontrei numa loja de antiguidades — digo, e depois, felizmente, ganho balanço. — Não sou *espetacular* na soldadura. A secretária foi o meu primeiro projeto a sério que não consistia em fazer uma caixa ou alguma coisa muito simples. Ah, e por vezes ajudo o meu irmão com o carro dele. Não gosto especialmente de carros, mas é interessante.

Faço uma pausa, porém, pois a professora Voss parece continuar à espera de que eu chegue a uma grande conclusão, e prossigo.

— Também passei por uma fase das facas — revelo, antes de me aperceber de que, se parar agora, ela vai mandar-me ir à psicóloga da escola, ou algo assim. — Não que eu *goste* de facas — apresso-me a explicar —, gosto apenas de as fabricar. O meu pai tem uma marcenaria e uma forja caseira. É empreiteiro — um entusiasta, como ele diz — e então uso as coisas dele. Ou usava, enfim, antes de ele...

Paro. Por muito que não queira falar sobre o futuro, não quero *mesmo* falar sobre o divórcio dos meus pais.

— Desculpe — digo, pestanejando. — Qual era a pergunta?

Por qualquer motivo insondável, a professora Voss sorri-me.

— A sua catapulta — diz ela — é brilhante.

Hum, *o quê?*!

— Ah. Eu, hum. Não estava à espera disso...

— Não posso dar-lhe vinte, pois era suposto haver um relatório escrito que consistisse em algo mais do que rabiscos de um gráfico — diz-me ela, acompanhado de algo que eu podia jurar ser um sorriso escarninho —, mas, uma vez que a sua catapulta tem a melhor relação entre potência e peso, posso dar-lhe...

Ela detém-se para pensar, balbuciando para si própria.

— Um onze.

— O quê?!

A palavra sai-me com mais pânico do que eu queria.

— Desculpe — corrijo —, não queria... é só que...

Ela aguarda, de braços cruzados.

— Não quero ser mal-educada — digo com o tom de voz que a minha mãe designa de rude. — Mas, considerando que a minha catapulta teve um desempenho superior às outras, eu devia ter uma nota ligeiramente superior a... — Céus, só de pensar, fico doente. — Um onze.

— Há outra opção — afirma a professora Voss, e a minha pulsação, que acelerara consideravelmente ante a ideia de dizer à minha mãe que tivera um 11 num trabalho, não abranda. Não disponho de tempo para outro projeto, e se vou ter de fazer um trabalho escrito ou alguma coisa assim...

— Quero mudá-la de turma — diz a professora Voss, interrompendo a minha espiral de nervos. — Para uma das outras turmas de física. Para física avançada, especificamente.

Congelo.

— O quê?!

— Terei de conversar com o professor MacIntosh — acrescenta —, mas também quero que faça as provas para a equipa de robótica.

— Está a gozar. — Devo estar boquiaberta. — Robótica? Isso é suposto ser uma espécie de castigo?

— Não, de todo. Isto — diz, segurando no meu pequeno rolo de fita-cola — é engenhoso. É de tal forma inteligente que eu poderia pensar que fez batota, se não soubesse que o construiu esta manhã.

Esta tarde, mas isso é irrelevante.

— Professora Voss — suplico-lhe. — Peço desculpa por me ter esquecido do trabalho, mas...

— Ouça. — Por momentos, ela fica com um ar glacial. Já ouvira dizer que era exigente, mas ainda não o testemunhara até agora. Perante a transformação, quase engulo a língua.

— A Isabel é muito inteligente — repreende. — *Demasiado* inteligente. Estará a perder tempo na minha disciplina quando sei que tem o potencial de brilhar noutro sítio. Já pensou em candidatar-se a engenharia mecânica?

A minha cabeça fica branca com luzes industriais, batas brilhantes de laboratório.

— Engenharia?

— Ia poder construir coisas — diz-me. — Tudo aquilo que imaginasse. Poderia construí-lo.

Diante dos meus olhos passeiam-se fórmulas matemáticas absurdas. Só de pensar nisso, paraliso com urticária.

— É que... eu não sou mesmo o tipo de rapariga da matemática nem da ciência, sabe?

— Isso é um disparate — discorda ela, e nunca ninguém, *ninguém*, decerto não é professora, me tratou de forma tão desdenhosa. — É evidente que tem talento para criar coisas, Isabel. Isso de ter cabeça para uma disciplina ou para outra não existe. A sua cabeça funciona, e bem. Portanto, use-a.

— Mas...

— Vou recomendar a sua transferência imediata para a disciplina de física avançada do professor MacIntosh — diz ela. — Ele costuma ter poucos alunos. Haverá lugar para si.

Não acredito que isto está a acontecer. Eu não sou o meu irmão Gabe. Tudo bem, tenho boas notas, porque, se não tivesse, a minha mãe matava-me, mas não me preocupo muito com as notas.

— Mas, professora Voss...

— O mundo não é benéfico para uma rapariga inteligente — diz a professora Voss. — O mais certo é quererem pôr-lhe um rótulo. Mas peço-lhe que não ligue a isso. — Baixa o olhar para a minha catapulta e, visto que me encontro basicamente incapaz de falar, e não sei bem para onde direcionar a confusão, também olho. — Se a estou a pressionar para fazer uma coisa pela qual não sente paixão, Isabel, então

diga-mo. Porém, se hesita só porque duvida das suas capacidades, então peça-lhe, sinceramente, que corra esse risco.

Ela levanta o olhar para mim e sinto-me estranhamente abalada, ainda a fitar o pequeno rolo de fita-cola roubado.

— É capaz de o fazer? — pergunta-me.

— Eu — começo, atrapalhando-me logo. — Bem, eu... é que...

— É capaz de o fazer? — repete. — Não estou a perguntar se o fará — acrescenta. — Mas sim se *é capaz*.

— Sim — respondo, armada em idiota. — Sim, sou capaz.

— Excelente. — O seu sorriso abre-se com satisfação antes de aclarar a voz. — Detestaria dar-lhe um onze — comenta.

— Ah — exclamo de sobrolho franzido —, era a sério?

A professora Voss olha-me de um modo que me lembra a minha mãe.

— Sim, Isabel. Tem de *fazer* o trabalho, o que, tecnicamente, não aconteceu.

— Certo — admito, encolhendo-me. — E, hum. Quanto à... robótica...

— Sim, é melhor deixar esta semana algum tempo livre para isso. — Ah, ótimo! O que eu queria, mais trabalhos da escola. Já passei grande parte da noite anterior a tentar ignorar o desafio do pincel de maquilhagem em que as minhas amigas «se esqueceram» de me incluir. (*Pensámos que estavas ocupada, mas 'bora combinar para nos encontrarmos na quinta-feira!!*, disseram, como se eu pudesse ir a Van Nuys num dia de semana.)

— A equipa vai querer ver algum tipo de esquema — continua a professora Voss —, ao qual espero que dedique um pouco mais de tempo do que dedicou à catapulta. As provas são na sexta-feira à tarde.

— Fixe — digo, carrancuda.

A professora Voss pousa a mão no meu ombro como que encorajando-me. O que é irónico, já que ela é a responsável por tudo isto.

— Ajudo-a com o que precisar — assegura-me. — Se não gostar, não há problema, terá tentado. Mas se *gostar*...

A sua voz fica suspensa, e ela encolhe os ombros, encaminhando-me para a sala de aula.

— Se gostar, ficamos ambas satisfeitas por sabermos que eu tinha razão — diz ela. Então reviro os olhos, cedendo aos impulsos adolescentes anarquistas e gemendo em voz alta enquanto entramos.



TEO

Dash: sou só eu ou isto é muito fácil

Teo: é fácil

Dash: sim, 'tá bem

Dash: mas o Mac está, tipo

Dash: a testar-nos?

Dash: ou tipo

Dash: o quê

Teo: como é que o Mac nos estaria a testar?

Dash: sei lá, era só uma pergunta

Dash: deixa

Teo: não, a sério

Teo: gostava de saber a tua resposta

Teo: para ser sincero, estou mortinho por saber

Dash: 'tá bem, esta é a minha ideia

Teo: boa, 'bora lá

Dash: imagina que o Mac está, tipo... a recrutar para uma
sociedade secreta

Teo: até ao momento, bom

Dash: e esta é uma daquelas situações em que é suposto
sabermos que se passa alguma coisa

Dash: tipo, estes não são os androides que procuramos

Dash: esse tipo de coisa

Teo: completamente

Dash: e depois há talvez um código secreto?

Dash: aqui algures

Teo: tipo, no trabalho?

Dash: sim

Teo: fixe e qual é o código?

Dash: sei lá

Dash: só cheguei até aqui

**Teo: 'tá bem, não foi propriamente muito impressionante, mas
foi por pouco**

— Teo!

Levanto o olhar quando a minha mãe me chama de outra divisão da casa, provavelmente, do ginásio, lá em baixo. Ela dá muita importância à sua figura, coisa que me repete com mais frequência do que eu gostaria.

— A minha imagem é o meu trabalho — justifica-se. Portanto, escusado será dizer que estou bastante familiarizado (demasiado?) com o exercício físico rigoroso e com as rotinas de cuidados faciais de dez etapas que a revista *Self* consideraria «de sucesso» e «exclusivas». Confesso que me deixam confuso.

Dash: 'tá bem mas acho que estou a desvendar qualquer coisa

Teo: continua a trabalhar nisso

Dash: já volto

Desço as escadas a correr e derrapo na entrada para dar de caras com a minha mãe a usar um daqueles espelhos esquisitos em que a *personal trainer* demonstra os movimentos através do seu reflexo. Medições em tempo real, *streaming*, tudo e mais alguma coisa. Realidade aumentada é uma g'anda cena, meu. A bicicleta *Peloton* também está por aqui, algures. Provavelmente, por trás do aparelho de *pilates reformer*.

— Teo, já fizeste a mala para amanhã? — pergunta ela, ofegante.

— Mãe, já te disse, amanhã não posso ir.

— O quê? Mas tu adoras Vail.

— Não é Vail, é Denver. E é só mais um congresso do pai. — O meu pai, também chamado Mateo Luna, é o fundador de uma das empresas de *software* mais bem-sucedidas da história recente. Portanto, é orador numa série de congressos dessa área. Com muitos informáticos a tentarem vender-lhe aplicações o dia inteiro, até os intervalos para o café parecem o programa *Shark Tank* de alto risco.

— Tenho uma coisa na sexta-feira — relembro a minha mãe. — Não posso faltar.

— O quê, um jogo? Já?

— Isso é na próxima semana. Na sexta-feira, são as provas de robótica.

— Aquela coisa *nerd*? Continuas metido nisso?

— Mãe. — Ela está a brincar, mas, não sei bem como, também não pensa no trabalho do meu pai como sendo uma coisa *nerd*, o que é hilariante. Sim, as aplicações que ele cria agora são populares no meio de *influencers* e celebridades, mas ele começou com programação, como eu.

— O que foi? — pergunta, atirando o transpirado rabo de cavalo.

— Os *nerds* estão em voga, querido...

— Mãe, não consigo ter esta conversa outra vez — resmungo, e ela pisca-me o olho, aproveitando para me fazer um interrogatório, como sempre.

— Não podes tirar o fim de semana? — pergunta, passando a toalha pelo pescoço.

— O fim de semana, sim, mas a sexta-feira, não. — São *as provas*. A minha mãe esforça-se, mas no fundo não entende que a equipa de robótica consiste basicamente em *mim*. Integro-a desde o nono ano e, não querendo ser imbecil, os membros que valem alguma coisa foram recrutados por mim. Os restantes — Kai, Emmet, Dash, até o Justin, que pelo menos é bastante competente na soldadura, para compensar as falhas na personalidade — só lá estão porque, desde que ali entrei, a equipa de robótica da Academia de Essex é a favorita. No ano passado, ganhámos o Campeonato Nacional. Portanto, esta não é a atividade mais fixe de nenhuma escola, exceto da nossa.

— Bem, não posso deixar-te sozinho, querido. Acho que o manual de instruções diz qualquer coisa sobre isso. — A minha mãe gosta de fazer piadas acerca de um guia para a parentalidade que não existe, o que é o mesmo que dizer parentalidade convencional. (Adoro a minha mãe, mas os pormenores rebuscados da maternidade tendem a escapar-lhe.)

— Eu fico bem — asseguro-lhe. — Tenho as *provas de robótica*. Estás com medo que eu dê uma festa louca?

— Os miúdos ainda fazem festas loucas? — comenta, pensativa.
— Decerto que por esta altura já praticam coisas mais interessantes.

— Ninguém vai dar uma festa louca — relembro-a. — É o que estou a dizer. Nada de festas loucas.

— Teo. — Um dedo a abanar. — Estás a armar-te em espertinho comigo?

— Contigo, mãe? Nunca.

Ela suspira, depois limpa um pouco de suor da testa.

— Sabes que te adoro — declara, com ar sério.

— Sim, sei.

— Provavelmente, demasiado.

— Sim.

— E ambos sabemos que mentes. — Embora ela se distraia facilmente, não é desatenta. Para efeitos de eficiência, desenvolvemos um sistema em que, se me vou pôr com estratégias, respeito os seus pré-requisitos: um, ficar em casa, onde a segurança é apertada e as hipóteses de perda de um membro são reduzidas, e dois, não ver nenhuma das suas séries preferidas sem ela. Esta, por acaso, é uma regra que não tem nada que ver, mas que está entranhada na minha cabeça.

— Estou a proporcionar-te uma negação plausível — lembro-a.
— Não será melhor se simplesmente... entrarmos no jogo?

Ela lança-me um olhar de aviso afetuoso.

— E o pai disse que não havia problema se eu fosse no sábado — acrescento, o que é verdade. Embora a minha relação com ele não seja tão... progressista, acho que tem mais razões do que a minha mãe para considerar as provas de robótica um assunto de importância vital. Mesmo com o seu grau de êxito, numa altura em que a maioria das pessoas em cargos de direção teria escapado suavemente para as suas ilhas privadas, ou sucumbido ao inevitável vício do golfe, Mateo Luna ainda seleciona as suas equipas tecnológicas a dedo: até os profissionais subcontratados e colaboradores temporários de consultoria. Dito de forma simples: a supervisão zelosa está-me no sangue. (Tal como em linguagem empresarial, ele costuma pedir-me que «volte a analisar» as nossas conversas anteriores e nunca me envia mensagens de texto nem me telefona, ele envia-me um *ping*. Sinergia!)

— Ah, então está bem — diz a mãe. Como suspeitava, isto é suficiente para a sossegar. Afinal de contas, o meu pai é que é o severo. — Mas a avó vem ver se estás bem, sim?

— Certo. — Isso não é problema. A mãe da minha mãe, que vive em Beverly Hills, aprecia três coisas na vida: jantares requintados, dar a sua opinião, e Chanel pós Lagerfeld. Ela, tal como a minha mãe, é judia de uma forma mais cultural do que rigorosa no que toca a obrigações da Bíblia hebraica (como a minha mãe diz, é mais ou menos judia). Dir-se-ia até que se ofenderia se eu não me esforçasse por marcar o meu *status* junto dos meus pares, puramente uma questão de obrigação social. Por outro lado, a minha avó vive em Miami e gosta de comida caseira, de opinar e de uma boa dose de culpa católica. Isto talvez explique a razão pela qual eu e a minha mãe estamos a evitar tocar num assunto que eu jamais conseguiria evitar com o meu pai.

— Então, muito bem — concorda a mãe, estendendo o braço e dando-me uma festinha na face. — Foge lá para o teu congressozinho *nerd* e encontramo-nos no aeroporto de Vail logo de manhã.

— Denver.

— Hã?!

— Denver, mãe, não é Vail.

— Sim, sim. — Por instantes, parece desatenta. Depois, sorri-me, como uma súbita explosão de luz. — Como é que tu me saíste um miúdo tão esperto, hã?! — exclama. Ri-se e despenteia-me o cabelo. — E bonito, também.

— Que parvoíce — resmungo, e ela dá-me um ligeiro empurrão.

— Faz os trabalhos de casa — atira. — Isso vem no manual de instruções.

— Sim, confirma-se — respondo, voltando atrás para a deixar beijar-me a face antes de berrar para que a Siri comece a tocar a sua lista de *pop* alternativo para exercício físico.

— Comida tailandesa para o jantar? — acrescenta sobre os acordes iniciais de *Teenagers*.

— Parece-me bem — grito de volta, subindo as escadas de par em par e deixando a porta fechar-se atrás de mim. Tenho oito novas mensagens do Dash no telemóvel a prosseguir a sua teoria da conspiração,

e mais qualquer coisa acerca de o Kai estar preocupado com o *design* da Neelam.

Hum, a Neelam. Ela não é má no que faz, mas sei o que é preciso para ganhar. Já participei no Campeonato Nacional três vezes, e ela, duas. Escrevo uma coisa qualquer ao Kai para que não se preocupe, apesar de saber que se vai preocupar, e volto a trocar mensagens com o Dash.

Teo: pois, portanto isso parece-me tudo plausível

**Teo: além disso, festa em minha casa na sexta-feira à noite
depois das provas?**

Dash: fixeaaaaa

Dash: conta comigo

*** * ***